

# Os refugiados Boers nas Caldas da Rainha no princípio do séc. XX



O bebé nasceu em 10 de Fevereiro de 1902 e foi baptizado com o nome de Jan Harm Caldas da Rainha Wessels. Nasceu, obviamente, nas Caldas da Rainha, e era filho de J. F. Wessels, um refugiado boer que, reconhecido pela forma como foi tratado pelos caldenses, decidiu que o seu rebento se chamaria pelo nome da localidade que os recebeu.

O apelido Caldas da Rainha acompanhou várias gerações desta família sul-africana pois é possível encontrá-lo em alguns sites genealógicos de descendentes, mas essa seria uma outra história. O interessante é que, além do Jan Harm Caldas da Rainha Wessels, nasceram nas Caldas da Rainha, no espaço de 15 meses, 18 crianças de refugiados boers que aqui estiveram alojados entre 1901 e 1902.

A tradição caldense de receber refugiados – graças à sua capacidade hoteleira termal que permitia alojar centenas de visitantes inesperados – parece ter sido uma constante no primeira metade do século XX. Já eram conhecidas as muitas histórias dos refugiados da II Grande Guerra (de longe a “invasão” mais marcante para a cidade), bem como a dos detidos alemães durante a I Grande Guerra. Mas pouco se sabia dos refugiados boers que perderam a guerra contra os ingleses no território que viria a ser a África do Sul, e que estiveram cerca de dois anos nas Caldas da Rainha alojados no Hospital Termal, nos Pavilhões do Parque e em casas particulares.

O livro Viva os Boers!, do investigador sul-africano O. J. Ferreira, levanta o véu sobre a estada destes estrangeiros na então pacata vila termal das Caldas da Rainha.

Carlos Cipriano  
cc@gazetacaldas.com

Os refugiados boers chegaram às Caldas em 1901 e, tal como aconteceria 16 anos depois com a maior parte dos “súbditos alemães” que ficariam detidos nas Caldas da Rainha durante a I Guerra Mundial, estes vieram também de Moçambique. Ao todo terão estado alojados entre 317 a 350 refugiados na então vila termal.

O livro refere que chegaram num comboio com oito carruagens e vagões de carga sob a guarda de 25 homens da 16ª Companhia de Infantaria. Partiram de Lisboa às 7h30 da manhã e chegaram às Caldas a meio da tarde, tendo sido recebidos efusivamente pelos caldenses.

*“Depois da estação as mulheres e crianças foram levadas em carros puxados por cavalos para os lugares onde deveriam ficar alojados, enquanto os homens seguiram um homem de barba branca por não haver viaturas suficientes. Junto às bermas estavam os portugueses, algumas senhoras choravam e jogavam flores em sinal de simpatia. Em toda a parte se ouvia “Viva os Boers”. As manifestações dos portugueses para com os refugiados foram fantásticas. “Na cidade um comité de senhoras deu as boas vindas”.*

Tamanha simpatia e entusiasmo por parte dos anfitriões caldenses seria uma constante nos dois anos em que os estrangeiros estiveram nas Caldas. Em 10 de Janeiro de 1950, meio século depois, a **Gazeta das Caldas** dará nota disso numa reportagem sobre “a forma carinhosa como tratados os refugiados boers nas Caldas”.

Mas regressemos ao início do século quando os boers acabaram de chegar às Caldas da Rainha. A razão do bom acolhimento deverá, não só à tradicional hospitalidade portuguesa, como também aos sentimentos anti-britânicos que ainda persistiam na sociedade portuguesa depois do Ultimatum de 1890 quando a Inglaterra ameaçou declarar guerra a Portugal caso não retirasse as suas pretensões sobre os territórios africanos entre Angola e Moçambique, no episódio que ficou conhecido como o mapa cor de rosa.

E essa animosidade contra os ingleses – que Rafael Bordalo Pinheiro ajudara a manter desperta com a criação de sarcásticas peças de louça e caricaturas anti-britânicas – manifestava-se agora numa clara simpatia pelos boers na luta que então mantinham contra o exército inglês no extremo sul do continente africano. Essa guerra punha em confronto os colonos boers (na sua maioria provenientes da Holanda) e o exército da Grã-Bretanha que na altura era a principal potência mundial. Os ingleses queriam apropriar-se das riquezas do subsolo que existiam nas repúblicas boers do Transval e Orange.

E é precisamente durante esse conflito, no qual populações civis foram chacinadas, que muitos boers civis e militares se refugiam na então colónia portuguesa de Moçambique. A Inglaterra, a “velha aliada” de Portugal, não gostou da presença de refugiados inimigos tão perto do teatro de guerra e pressionou Portugal para que os enviasse para a metrópole.

E foi assim que, a par de Alcobaça, Peniche e Abrantes, mais de 300 boers vieram parar às Caldas da Rainha. O Hospital Termal começa por ser o primeiro local de hospedagem, mas com o início da época de banhos, a partir de 15 de Maio, os boers são transferido para tendas militares junto ao edifício. No hospital ficam apenas os oficiais, que têm direito a um quarto individual.

O livro relata que na época os Pavilhões do Parque – ao qual se refere como sendo um outro hospital – estava “**inacabado e vazio**”.

*“Aqui estiveram alguns refugiados a partir de Maio de 1901, em cinco salas com cerca de 10 por 30 metros cada uma, no segundo andar, e de onde eles desfrutavam uma linda vista do parque público, com jardim de rosas, palmeiras e um lago. Duas das quatro salas eram usadas por homens acima dos 16 anos e duas por senhoras e crianças enquanto a quinta sala era*

*usada como refeitório. O lugar usado para escola e serviços religiosos ficava também no segundo andar enquanto a cozinha era no rés-do-chão. A sala dos doentes ficava por cima dos quartos de dormir (...) As famílias que não podiam pagar para alugar uma casa própria fizeram na sala de dormir divisões com tábuas e lençóis de cor, para que cada família tivesse privacidade nas refeições e dormidas. Isto era permitido pelo responsável português”.*

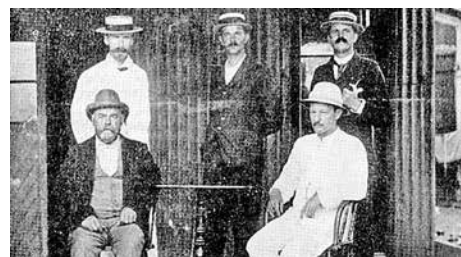
O responsável português era o Major Cristóvão Fonseca, de quem os refugiados diziam que não se podia “**fazer farinha**”:

*“Ele era um homem mau com um par de olhos penetrantes, o que lhe valeu a alcunha de “Olhos de Cavalo”. Ele nunca tomava partido e era recto, o que o fazia ser obedecido pelos seus homens”.*

Apesar desta descrição não há registo de quaisquer conflitos entre os estrangeiros e os portugueses, militares ou civis. Os boers tinham de se apresentar todas as manhãs junto ao quartel – que na altura era também nos Pavilhões do Parque – e havia um recolher obrigatório às 21h30. No resto do dia podiam andar por onde quisessem, mas para irem a outras localidades, nomeadamente a Lisboa, tinham de pedir autorização (tal como viria a acontecer com os prisioneiros alemães durante a I Guerra e os refugiados estrangeiros da II Guerra que estiveram nas Caldas).

No entanto, entre 55 a 60 famílias – as que tinham rendimentos para isso – viviam em casas alugadas na própria vila.

*“A razão porque eles assim tanto desejavam viver numa casa era porque homens e mulheres só estavam autorizados a estar juntos e conversar até às dez da noite. Outra razão é que as rendas de casa em Caldas da Rainha eram bastante baixas. A diária era de 30 reis por pessoa acima dos 12 anos e eram também usadas pelas famílias. (...) O descontentamento daqueles que moravam em casas de aluguer era que duas vezes por dia, às 12h e às 20h (...) tinham de se apresentar às autoridades portuguesas, o que produzia um certo mal-estar. No quartel deviam receber o subsídio de alimentação na cozinha central e deviam pagar as rendas em devido tempo. Para poder satisfazer estes requisitos, recebiam subsídios de renda de casa (...) Os membros da comissão para os refugiados, J. S. Marais, P. I. De Kock, A. van der L. de Villiers e W. J. Geerling, ficaram mais tarde no Grand Hotel Lisbonense”.*



A Comissão para os programas de refugiados em Caldas da Rainha



O Hotel Lisbonense onde a Comissão para os refugiados estava alojados.

## A ALIMENTAÇÃO

A alimentação gerou alguns problemas no início. Se o pequeno-almoço era pacífico (todas as manhãs cada interno tinha direito a receber café, chicória e uma fatia de pão), o almoço e o jantar não era do agrado dos boers. O. J. Ferreira relata que, insatisfeitos com a comida feita pelos cozinheiros portugueses, os refugiados pediram para que lhes fossem entregues os alimentos crus a fim de eles próprios os cozinharem. Os boers estavam habituados a carne, ovos, papa de milho com manteiga e vegetais frescos (as zonas do sul de África de onde provinham era



férteis e a agricultura era próspera). Eles próprios designaram três cozinheiros e quatro “senhoras auxiliares” que se encarregaram de alimentar o grupo alojado nos Pavilhões do Parque. Ainda assim, houve quem reclamasse:

*“Em Abril de 1901 era o jovem Arie Maasland o chefe cozinheiro, mas alguns internos reclamavam da preparação dos alimentos. As papas de milho de manhã eram más. Havia falta de sal nos alimentos e nada para beber à hora do almoço. A alimentação principal era geralmente feijão branco, feijão castanho e batatas, cada um, uma vez por semana e couve ou repolho três vezes por semana”.*



Equipa de cozinheiros que preparam os alimentos para os internos

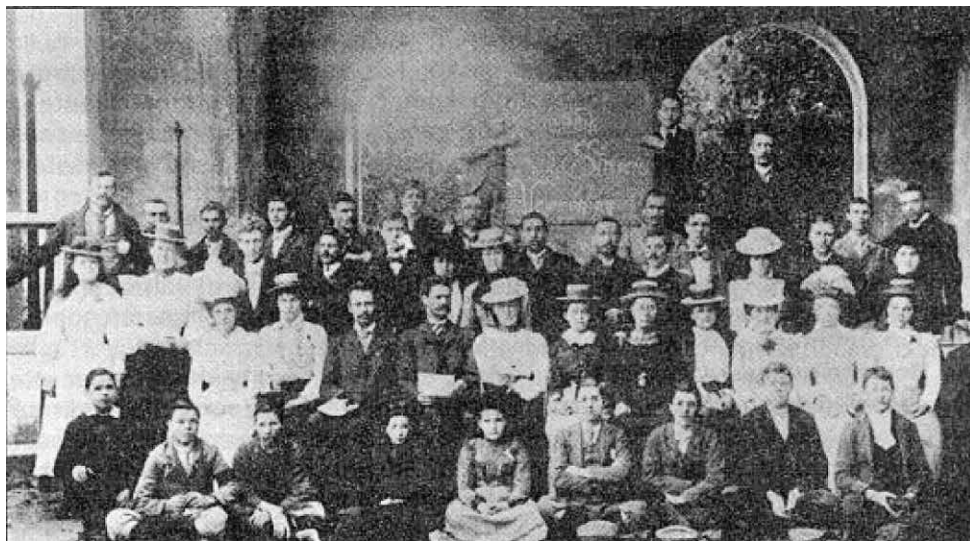
Mas o autor do livro acrescenta: “Na verdade não havia razão para reclamar da comida”. No panorama do Portugal de inícios do séc. XX – país atrasado e quase miserável quando comparado com o resto da Europa – o nível de vida dos internos vindos de África eram até superior ao de muitos portugueses. De Moçambique os boers tinham trazido um stock de farinha. Nas Caldas da Rainha e no Porto houve peditórios para ajudar os refugiados. Da Holanda e da França chegava dinheiro e géneros (sabão e roupas). E até a Organização de Bíblias Holandesas enviou 120 Bíblias e 40 Novos Testamentos oferecidos aos refugiados das Caldas da Rainha.

Sendo na sua maioria calvinistas, os boers deram muita importância ao serviço religioso enquanto estiveram em Portugal. O livro refere a vinda de várias pastores que administraram o culto nas Caldas da Rainha, bem como de alguns dignitários religiosos que nomearam membros da comunidade para dar catequese. Um deles, **“um pastor da Igreja Reformada Alemã, recebeu reacções negativas da parte de alguns internos, pertencentes a outras igrejas, que consideravam aquela com uma ‘igreja falsa’”.**

*“Os diáconos Stofberg e Du Toit, durante a sua estadia nas Caldas da Rainha, intensificaram as lições de catequese de forma a que 36 pessoas, no dia 20 de Junho de 1902 foram recebidas como membros da Igreja Reformada Holandesa das Caldas da Rainha, e no dia 21 de Junho nomeados membros efectivos. Depois disto foram trazidas 18 crianças às Caldas da Rainha para serem baptizadas”. (...) Os internos nunca foram impedidos pelas autoridades portuguesas de praticar os seus serviços religiosos mas ainda demorou algum tempo até que tudo ficasse em ordem. Inicialmente eles eram proibidos de cantar nos serviços religiosos porque vivem num edifício dentro da cidade, mas através da intervenção do Pastor Hugo, mais tarde deram as autoridades portuguesas autorização para poderem cantar em voz baixa.”*

E como era a relação dos estrangeiros com a religião católica dos portugueses?

Para começar, achavam estranho que a Praça da Fruta funcionasse aos domingos, no Dia do Senhor em que supostamente não se deveria trabalhar. O livro refere a admiração pelo ritual da procissão na Páscoa de 1901. Um dos refugiados escreveu: **“À frente seguia uma grande imagem do Senhor e da Virgem Maria e todos se ajoelaram em frente às imagens. Os nossos pais disseram-nos que não fizessemos isso”.**



A Organização de Aspirantes Cristãos

Uma das características da religião Protestante (da qual o Calvinismo é um ramo) é a rejeição do culto às imagens e esculturas, pelo que lhes parecia estranho a devoção e reverência dos portugueses pelas imagens de Cristo e da Virgem. Ainda assim, alguns apreciavam as igrejas caldenses que, refere o livro, **“estavam sempre de portas abertas”.** Mas a beleza e o esplendor da igreja, as velas e as imagens, as janelas com vitrais não deixavam indiferentes alguns dos boers. De tal modo que, **“apesar de serem protestantes, alguns refugiados frequentavam a Igreja Católica, o que era bem visto pelos portugueses”.**

## A EDUCAÇÃO

Além da religião, a comunidade boer não descurou a educação. Nos Pavilhões do Parque funcionou uma escola criada pelo Comité Nacional Cristão Afrikaans da Holanda. Deste país foi enviado para as Caldas o senhor H. Scholtens que já tinha sido professor na República da África do Sul antes da guerra. Outros professores foram escolhidos entre os mais instruídos, tendo ficado como director da escola R. A. den Ouden. Todos eram pagos pelo Comité Cristão da Holanda.



Os professores da Escola de Boers

*“A escola Boer das Caldas da Rainha abriu com um total de 70 alunos. Em Setembro de 1901 já havia 95 alunos na escola. Em Janeiro de 1902 era o total superior a 100 alunos. O facto da escola de Caldas da Rainha ter resultados fantásticos sob a liderança do professor Den Ouden fez com que muitos refugiados de outros lugares pedissem a transferência para as Caldas da Rainha”*



Professores e alunos nos Pavilhões do Parque

O horário escolar era de cinco horas diárias e o funcionamento da escola não foi isento de uma polémica: o director dava lições de francês a adultos ou crianças que já falavam duas línguas, mas uma carta vinda da Holanda, do pastor J. Beijer, considerava tal ensino inaceitável em prejuízo do holandês porque isso iria enfraquecer a simpatia dos holandeses pela causa boer.

A influência da religião abrangia também a própria vida social e os momentos de lazer. Se é certo que os pastores nada opunham ao jogo do Críquete (chegaram a formar-se duas equipas boers – os Kolonialers e os Transvelers), já a participação dos refugiados nas touradas foi proibida.

A primeira razão era porque decorriam ao domingo, dia santo (ainda hoje, na Holanda, algumas localidades mais calvinistas não têm nenhum serviço aberto ao domingo e a maioria da população recusa-se a participar em qualquer actividade recreativa). A segunda porque **“era chocante ver como os bois eram tão maltratados”.**

No entanto, alguns dos refugiados, entre eles oficiais, não acataram a proibição e continuaram a assistir às touradas. E não terão sido poucos porque o livro refere que **“um proeminente português, Victorino Fróis, fez mesmo uma tourada especial na sua propriedade, em São Martinho do Porto, para os oficiais Boers. Depois, na sua mansão, ofereceu-lhes um jantar com orquestra e que acabou com fogo de artifício”.**

Além do críquete, os refugiados jogavam um jogo estranho para os caldenses. Chamava-se rugby e atraía muita gente ao parque.

No Verão alugavam burros para poderem ir à praia. A distância para a Foz do Arelho era de mais ou menos três horas a cavalo, **“mas com os burros e os caminhos de areia, demorava mais um bocado até poderem nadar”.** Contudo, nas Caldas da Rainha era o parque o centro da vida social. As caminhadas eram uma forma de passar o tempo.

*“Casais de namorados gostavam muito de ficar sentados nos bancos do parque, debaixo das palmeiras ao som do murmurar dos repuxos com desenhos de aves aquáticas feitas pela fábrica local. Era também nestas alturas que mais sentiam as saudades da mãe Pátria e dos seus familiares”. (...) Um dos pontos mais procurados era uma fábrica de cerâmica onde havia uma grande imagem da Paixão de Cristo. Isto criava uma grande admiração e respeito pela grande fé dos portugueses nestes grupos de imagens”.*

Na região, Alcobaça e Peniche tinham também acolhido refugiados boers pelo que, mediante autorização, estes podiam visitar-se uns aos outros: **“tomar café, fumar e conversar sobre o que aconteceu ou irá acontecer era muito importante. Uma vez que Caldas da Rainha não ficava longe de Alcobaça ou de Peniche, era normal virem daqueles lados internos visitar as suas famílias e amigos”.**

Ao que parece já nessa altura Peniche era encarada como um local de castigo. Dois jovens refugiados pediram para namorar com duas compatriotas suas e foram imediatamente transferidos para Peniche. E o livro relata que o interno Dirk van Leeuwen transgrediu no consumo de vinho tinto, tendo sido advertido que, se isso acontecesse novamente, seria transferido para Peniche.

Os estrangeiros constatarão facilmente que se produzia muito vinho na região e que este era barato e muito consumido nas tabernas. Mas o livro é simpático para com os portugueses, ignorando as bebedeiras e as rixas dos maus vinhos que eram frequentes na época. Pelo contrário, até cita o refugiado Jooste que a dado momento escreveu no seu diário **“nunca ter visto um português bêbado, mas que dos Boers tinha visto muitos”.**

Durante todo o livro é nítida a preocupação de nunca dizer nada de negativo acerca dos portugueses. Mais do que uma vez é utilizada a expressão **“quem reclama é sem razão”.**

Isso quer dizer que – como é natural – terão havido insatisfações e reclamações, mas o autor, expressando o que



leu nos documentos da época, entre eles diários dos refugiados, prefere relevar que **“as autoridades portuguesas e os habitantes das Caldas da Rainha eram muito simpáticos”**. O refugiado Plokhooy refere que **“as relações eram muito boas e quem reclama é sem razão”**.

*“A simpatia e a hospitalidade dos portugueses não tinha limites para os Boers e especialmente as crianças aprenderam num curto espaço de tempo a falar a língua portuguesa. (...) Os filhos dos Internos em Caldas da Rainha, logo fizeram amizade com as crianças portuguesas e brincavam juntos. As crianças Boer através dos jogos aprendiam a falar português, a cantar canções portuguesas e puderam lembrar-se das letras até idade avançada e transmiti-las aos seus filhos e netos. (...) A impressão geral dos internos sobre as Caldas da Rainha era no geral muito positiva. A ordenação e tratamento das fazendas, foi para eles motivo de admiração. As calçadas das ruas com paralelepípedos com todo o tipo de desenhos era para eles algo de novo e belo.”*

A única nota dissonante nesta relação idílica com os caldenses é a constatação de que havia pobres a pedir esmola: **“cada mendigo tinha de ter uma licença, senão era metido na cadeia”**.

Já por parte dos portugueses, o que mais os impressionava nos boers era o seu tom de pele muito claro, ou não fossem, na verdade holandeses, ainda que muitos deles nascidos em África. Os caldenses também se surpreendiam com o vestuário **“a sua maneira ordenada de viver”** porque, diz o autor do livro, **“antes da sua vinda, tinham a impressão de que os boers eram gente porca com maneiras rudes”**.

Outro motivo de surpresa para os estrangeiros era o namoro entre os portugueses pois os casais de namorados nunca podiam conversar sozinhos. **“Um uso contrário ao que os internos estavam habituados e os portugueses acostumados”**, refere o livro. Curiosamente, 40 anos depois, este costume português do namoro à janela e sob apertada vigilância familiar, seria também motivo de surpresa para os refugiados da II Guerra Mundial. A prova de que a estada nas Caldas da Rainha não era propriamente um calvário (antes pelo contrário) está no reduzido número de fugas. Apenas cinco internos fugiram, todos eles com destino à Holanda onde tinham família. Na verdade, tirando o facto dramático de estarem longe da sua terra na qual decorria uma guerra, os refugiados tinham uma excelente qualidade de vida para os padrões da época e numa das terras mais cosmopolitas e com melhores equipamentos de lazer do país (a prova é que quem se portava mal era recambiado para Peniche!). Os boers até tinham uma orquestra que actuava na Praça da Fruta em que todos os seus elementos usavam bonés brancos. Nessas alturas tocavam o Hino do Transval e o Hino do Vrystaatse, o que provocava reacções emotivas dos refugiados.

O interno R. A. den Ouden formou um grupo coral que ensaiava duas vezes por semana. O repertório eram composto por salmos e coros holandeses e despertou a atenção dos caldenses que pediram para assistir aos ensaios. Na véspera de Natal de 1901 houve mesmo uma apresentação pública para toda a vila. Um momento em que católicos e protestantes se terão certamente sentido irmanados.

Nesse Natal foram enviadas da Holanda roupas e alimentos para os internos e **“as senhoras portuguesas das Caldas da Rainha organizaram uma festa para as crianças com três árvores de Natal, oferta do Comité Holandês Sul-africano em Lisboa”**.

Os portugueses ofereceram ainda uma medalha de terracota com a esfinge do Presidente Kruger.

Apesar do rigor da região calvinista, o livro relata que os jovens boers foram à festa de ano novo de 1902 e que o Carnaval português suscitou uma boa impressão.

A boa relação com os estrangeiros era também evidente pelo facto de os oficiais boers serem convidados para assistir à cerimónia de abertura do Hospital Termal no 15 de Maio.

Entre os mais de 300 refugiados boers havia uma hierarquia. Os mais necessitados procuraram trabalhos temporários.

*“Alguns foram fazer reparações de calçado (meias solas) e fabricação de calçado, encontrando assim um trabalho remunerado. Outros fizeram trabalhos em osso, madeira ou caixas de cigarros, armações para fotografias, cadeiras, mesas de trabalho. As ferramentas eram muito raras e um canivete era uma peça muito importante. As mulheres e raparigas sul-africanas aprenderam com as mulheres portuguesas trabalhos em renda chamados “laços de Peniche e também laços valencianos e toda a espécie de tranças”*

### DOENÇAS E MORTE

Foi dito acima que nasceram 18 crianças boers nas Caldas da Rainha entre 1901 e 1902. Pelo menos quatro não sobreviveram. Uma morreu ao nascer, outra ao fim de dois dias e dois bebés não chegaram aos dois meses. O número de óbitos (seis no total) inclui ainda uma criança de sete anos, pelo que apenas um adulto (com a idade de 60 anos) faleceu na vila. O livro refere que os funerais **“eram muito acompanhados pelos Boers, como também pelos portugueses”**.

Em termos de saldo fisiológico, nos dois anos em que estiveram nas Caldas da Rainha, este foi positivo para a comunidade boer porque nasceram 18 e morreram seis. Como só houve cinco fugas, deveriam regressar à África do Sul mais boers do que os que chegaram, mas no fim da guerra alguns (poucos) optaram por ficar na Europa, tendo partido para a Holanda.

A estadia em Portugal terá salvo da morte alguns dos refugiados que, provavelmente, não teriam sobre-



A vala comum no cemitério de Caldas da Rainha

vivido se tivessem ficado em Moçambique. Nos pavilhões do Parque foram afectas duas salas (masculina e feminina) para funcionarem como hospital. Os casos mais graves eram enviados para o Hospital de Santo Isidoro (edifício que ainda hoje existe e onde funciona a biblioteca da ESAD).

*“Por sorte o clima agradável e saudável das Caldas da Rainha e ainda os bons tratamentos que tiveram, permitiu recuperarem das doenças de malária contraídas em Moçambique. (...) No princípio eram os doentes internos tratado pelo doutor Manuel António Martins Pereira, mas a partir de Setembro de 1901 foi o médico militar Dr. Francisco Diniz de Carvalho encarregado de olhar pela condição física dos internos”*.

Os costumes da época não permitiam que fossem homens a cuidar das senhoras. Por isso, enquanto os homens eram tratados por soldados-enfermeiros, **“as mulheres eram tratadas por senhoras”**. Um trabalho que não terá agradado às refugiadas que tinham de tratar das suas congéneres porque foi necessário nomear duas delas – Ellen Swanton e Wiesie de Klerk – para serem enfermeiras permanentes, com direito a uniformes vermelhos e brancos.

Ainda assim o assunto não ficou totalmente resolvido. As duas “enfermeiras” trabalharam cinco meses sem salário, mas algo terá acontecido porque depois passaram a ser devidamente remuneradas pelos restantes internos.

### A PARTIDA

“Viva os Boers!” descreve a partida dos refugiados como um momento de pesar para os caldenses. A verdade é que os cidadãos vindos da longínqua África (na época não havia aviões e as viagens por mar demoravam meses) eram considerados heróis em Portugal, tendo, inclusive, várias localidades do país disputado a honra de os acolher.

Na revista “A Paródia”, Manuel Pinheiro (filho de Rafael Bordalo Pinheiro) publica uma caricatura que retrata a rivalidade entre os vários lugares em Portugal para receberem os heróis boers nas suas terras. O mesmo artista desenha ainda uma sátira que mostra o português ciumento porque as mulheres davam muita atenção aos Boers.

Não surpreende, por isso, que a partida dos refugiados provocasse alguma consternação. A ausência de tão ilustres e cultos visitantes iria deixar a vila entregue à sua pasmeira habitual, só quebrada pelo período de vilegiatura da época balnear. Por outro lado, também não era displicente que a sua presença animava social e economicamente a localidade.

Ockert Ferreira relata que quando que os internos ouviram dizer que tinha sido assinada a paz, houve receio e consternação, mas que muitos acreditaram que as suas terras não estavam perdidas para sempre.

Encontrando-se **“às ordens dos ingleses”**, os internos tiveram que, até 5 de Junho de 1902, indicar para onde queriam ir, tendo praticamente todos escolhido regressar ao território que, a partir de agora, seria a República da África do Sul.

A partida foi marcada para o mês seguinte. O presidente da Câmara das Caldas, Joaquim das Neves Barateiro, no seu discurso de despedida, referiu as boas relações de amizade entre os caldenses e os internos e elogiou o comportamento dos seus líderes, em especial, W. J. Geerling, R. A. den Ouden e G. F. Troger, terminando com votos de boa viagem para todos.

*“No dia 18 de Julho de 1902 partiram os internos das Caldas da Rainha para Lisboa. Apesar da saída deles ter sido a meio da noite, apareceram centenas de portugueses, de todas as classes sociais, na estação para se despedirem deles. As lágrimas saltaram livremente dos olhos, tanto de uns como de outros, numa manifestação de amizade. Às 4h30 de 19 de Julho chegaram os internos a Lisboa. Embarcaram imediatamente a bordo do Bavarian. Cornelis Plokhooy disse na verdade aquilo que a maioria sentia. Ele escreveu: “A vida que nos foi determinada nas Caldas da Rainha foi agradável e os que ousam reclamar, reclamam sem ter razão”*.



Caricatura satírica de Manuel Pinheiro em A Paródia



Era no Parque D. Carlos I que há cem anos os refugiados passavam a maior parte do tempo, passeando e fruindo de um espaço que não mudou muito desde então



# As medalhas de Avelino Belo

*“Avelino Belo tinha respeito e simpatia com os Boers e desgosto com as acções dos ingleses, pela sua conduta horrível durante a guerra Anglo Boer. Como grande amigo dos Boers, em Caldas da Rainha, está a sua participação activa em todas as festas na cidade com vista a tornar a estadia dos internos mais agradável”.*

Cinquenta anos depois, a **Gazeta das Caldas** dedicava uma reportagem à entrega destas medalhas ao vice-cônsul da África do Sul em Lourenço Marques (hoje Maputo) pelas mãos do jornalista Armando Valério, do “Notícias”, periódico que se publicava na então colónia portuguesa de Moçambique. A **Gazeta** de 10/01/1950 e de 10/03/1950 recorda ainda a passagem dos Boers pelas Caldas da Rainha, enaltecendo as boas relações de amizade que então se estabeleceram entre caldenses e refugiados. ■ C. C.

Ockert Ferreira cita o jornal “O Século” de 29/12/71 e de 19/01/1972 para contar a relação que o ceramista Avelino Belo mantinha com os refugiados. Ao ponto de serem da sua autoria 14 medalhas de homenagem à causa Boer que ele próprio concebeu e que tinham a esfinge do Presidente Paul Kruger. No outro lado, as medalhas tinham as armas da República sul-africana, do Estado Livre do Orante, de Portugal e das Caldas da Rainha.

O ceramista caldense faria ainda mais medalhas alusivas à amizade entre portugueses e sul-africanos e uma jarra, denominada “Bilha Boer”, na qual trabalhou durante 38 dias e que veio a oferecer ao Presidente Kruger, que na altura se encontrava exilado na Europa. Réplicas desta peça encontram-se no Kruger Huis Museu, em Pretória, no Museu da Guerra da República Africana em Bloemfontein e no Museu de José Malhoa.



Avelino Belo



Medalhas alusivas à amizade entre portugueses e sul-africanos feitas pelo ceramista caldense



# O casal de portugueses que fala africânder

Este artigo não poderia ter sido publicado se não fosse o trabalho do casal Teresa e Victorino Mendonça que traduziram do africânder para o português o capítulo do livro Viva os Boers!

Apesar do título em língua portuguesa, o livro de Ockert Jacobus Ferreira é escrito em africânder, uma das línguas oficiais da África do Sul e que tem origem no holandês. O livro pertence à Biblioteca Municipal e desde há muito tempo que a bibliotecária Leonor Laranjeira se questionava sobre o seu conteúdo posto que havia um capítulo de 41 páginas dedicado às Caldas da Rainha.

Um dia a bibliotecária dá-se conta que um casal de portugueses conversava em africânder com um casal sul-africano e interpelou-os. Teresa e Victorino Mendonça, que tinham vivido na África do Sul, acharam piada ao livro e prontificaram-se para traduzir a parte que diz respeito às Caldas da Rainha.

**“Demorámos cerca de três meses, nas calmas”,** contou Victorino Mendonça à **Gazeta das Caldas**. A tradução foi uma forma de “viajar” de novo até ao país que em 1975 os acolheu (fugidos de uma Angola dilacerada pela guerra civil) e no qual viveram até 2004.

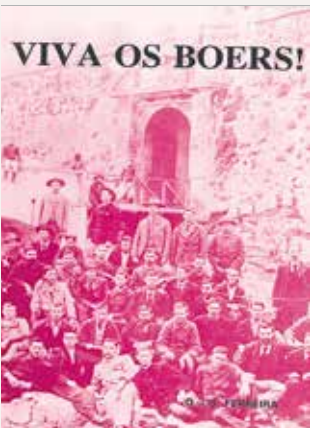
**“Fomos dos poucos portugueses que se integraram na comunidade sul-africana e que aprendeu a falar africânder”,** contou Teresa Mendonça. **“De tal maneira que eu até nem domino bem o inglês... E hoje bem falta me fazia”.**

O casal, que vivia em Nova Lisboa (hoje Huambo), perdeu tudo quanto tinha após a descolonização de Angola. A sua fuga, com três filhas pequenas, para a África do Sul demorou seis semanas e constituiu uma epopeia recheada de perigos e riscos. Atravessaram o sul de Angola, cruzaram a Namíbia e estiveram em campos de refugiados na África do Sul.

A cor da pele, num país onde vigorava o apartheid (separação de raças), acabaria por ser decisiva. As autoridades sul-africanas precisavam de mão-de-obra especializada para a construção de refinarias e privilegiavam os brancos em vez de mulatos ou negros. Victorino Mendonça, que trabalhara no Banco de Angola, não hesitou em tornar-se soldador, tendo feito carreira e chegado a supervisor e a responsável da manutenção.

Enquanto isso, Teresa Mendonça integrara-se bem na sociedade branca sul-africana. Cria uma escola de corte e costura, desenha roupas, dá aulas e, mais tarde, avança para um negócio de pastelaria e padaria que conta com vários empregados.

**“A comunidade africânder foi incansável para connosco e a única coisa que nós podíamos dar-lhes em troca era aprender a língua deles”,** conta esta caldense, que partiu ainda bebé para Angola com os seus pais nos anos quarenta do século passado e viria a casar-se com um algarvio que também tinha ido em criança para África. Teresa e Victorino mostram livros em africânder. Manuais de soldadura nos quais ele estudou, e até uma Bíblia,



FERREIRA, O. J. O. - Viva os Boers! Boeregeinterneerdes in Portugal tydens die Anglo-Boereoorlog, 1899-1902

bastante usada, naquela língua. Apesar de integrados na elite branca que detinha os privilégios próprios do apartheid, o casal não pensou vir para Portugal quando em 1994 se dá a transição do regime e Nelson Mandela é eleito Presidente da África do Sul. Victorino Mendonça diz mesmo que **“o Mandela foi um grande homem”** porque conseguiu fazer uma transição pacífica, mas já não tem o mesmo apreço pelos atuais governantes daquele país.

O certo é que em 2004, ambos reformados, Teresa e Victorino decidem vir para o país onde nasceram e ao qual só tinham vindo de férias. A insegurança na África do Sul foi um dos motivos. Mas havia outro: as três filhas já não viviam com eles e eram um bom exemplo da diáspora portuguesa, posto que uma vivia na Cidade do Cabo (África do Sul), outra na Austrália e outra nos Estados Unidos. Uma quarta filha, nascida já na África do Sul, regressa com os pais e tem hoje 19 anos.

O casal – que reside numa vivenda no Bairro da Ponte – não esconde alguma nostalgia pelos anos passados na África do Sul. Trabalhava-se muito, contam. Mas para quem perdera tudo o que tinha na apressada descolonização de Angola, aquele país proporcionou-lhes a oportunidade de começar tudo de novo e, como referem, **“de criarmos as nossas filhas”.**

Dez anos depois do regresso não imaginavam que os seus conhecimentos do africânder pudessem vir a ser tão úteis à **Gazeta das Caldas** e aos seus leitores que agora nos lêem. ■ C.C.



O casal Victorino e Teresa Mendonça na sua casa, nas Caldas da Rainha

Carlos Cipriano